

# **De-civilização**

## **O Manifesto Dark Mountain**



**Paul Kingsnorth and Dougald Hine**

## **De-civilização: O manifesto Dark Mountain**

Publicado em 2009 por Paul Kingsnorth and Dougald Hine, este é um manifesto literário e artístico, um chamado para escritores e artistas que queiram produzir sentido à beira do fim da civilização.

Tradução: Buva. Revisão: Contraciv.

Fonte: <https://dark-mountain.net/about/manifesto/>

### **Índice:**

- 1. Caminhando sobre a lava**
- 2. A mão cortada**
- 3. De-civilização**
- 4. Para os sopés das montanhas!**

**CONTRACIV, 2019**  
**CONTRACIV@RISEUP.NET**  
**CONTRACIV.NOBLOGS.ORG**

## **Rearmamento**

*Estes grandes e fatais movimentos em direção à morte: a grandeza da massa*

*Faz da pena um tolo, a dolorosa pena*

*Dos átomos da massa, as pessoas, as vítimas, fazem parecer monstruoso  
Admirar a beleza trágica que elas constroem.*

*É lindo como um rio que flui ou uma geleira que se acumula lentamente  
No alto de uma montanha,*

*Destinada a arar uma floresta, ou como geada em novembro,*

*O ouro e a dança-morte flamejante pelas folhas,*

*Ou uma garota na noite que gastou sua mocidade, sangrando e beijando.*

*Eu queimaria minha mão direita em fogo lento*

*Para mudar o futuro... Eu deveria fazer tolamente. A beleza do homem moderno*

*Não está nas pessoas, mas no*

*Ritmo desastroso, as massas pesadas e móveis, a dança das*

*Massas lideradas por sonhos descendo a montanha escura.*

*Robinson Jeffers, 1935*

## **I**

### **CAMINHANDO SOBRE A LAVA**

*O fim da raça humana será eventualmente morrer de civilização.*

*-Ralph Waldo Emerson*

Aqueles que presenciam o colapso social extremo em primeira mão raramente descrevem qualquer revelação profunda sobre as verdades da existência humana. O que eles mencionam, ao serem questionados, é o quão fácil é morrer.

O padrão da vida ordinária, na qual grande parte das coisas permanece igual de um dia para o outro, mascara a fragilidade do seu tecido. Quantas das nossas atividades se tornam possíveis pela impressão de estabilidade que esse padrão dá? Enquanto ele se repete ou varia de forma suficientemente estável, nós somos capazes de planejar o amanhã como se as coisas das quais nós dependemos e sobre as quais nós não pensamos muito ainda estarão aqui.

Quando esse padrão é quebrado pela guerra civil, por um desastre natural ou pelas tragédias de escala menor que rasgam o seu tecido, muitas dessas atividades se tornam impossíveis ou sem sentido, enquanto a simples satisfação de necessidades que nós nunca questionamos pode ocupar grande parte de nossas vidas.

Correspondentes de guerra e funcionários de ajuda humanitária relatam não apenas a fragilidade do tecido social, mas também a velocidade com que ele pode se desfazer. Enquanto nós

escrevemos esse manifesto, ninguém pode dizer com alguma certeza em que ponto a dissolução do tecido financeiro e comercial de nossas economias chegará ao seu fim. Enquanto isso, além das cidades, a exploração industrial desenfreada castiga a base material para a vida em muitas partes do mundo e agride os sistemas ecológicos que a sustentam.

Por mais precário que seja esse momento, a percepção da fragilidade daquilo que nós chamamos de civilização não é algo novo.

“Poucos homens percebem” escreveu Joseph Conrad em 1896, “que a sua vida, a própria essência de seu caráter, suas capacidades e as suas audácias são apenas a expressão de sua crença na segurança de seu ambiente”. Os escritos de Conrad expuseram a civilização exportada pelos imperialistas europeus como algo que é pouco mais do que uma ilusão confortante, não apenas no coração escuro e inconquistável da África como também nos sepulcros esbranquiçados de suas cidades capitais. Os habitantes da civilização acreditavam “cegamente na força irresistível de suas instituições e morais, no poder de sua polícia e de sua opinião”, mas a sua confiança poderia ser mantida apenas pela aparente solidez da multidão de crentes de pensamento parecido que os cercam. Fora dos muros, o selvagem permanece tão perto da superfície quanto o sangue embaixo da pele, embora o cidadão da cidade já não esteja mais preparado para encará-lo.

Bertrand Russel percebeu esse viés no pensamento de Conrad, sugerindo que o romancista “pensava na vida humana civilizada e moralmente tolerável como uma caminhada perigosa em uma crosta de lava recém-secada que pode a qualquer momento se romper e deixar com que os despercebidos se afundem em suas profundezas flamejantes”. Tanto Russel quanto Conrad estavam apontando para um fato que qualquer historiador pode confirmar: a civilização humana é uma construção intensamente frágil. Ela é construída sobre pouco mais do que crenças; crenças na força de seu sistema de lei e ordem, crença em seu dinheiro; e, talvez acima de tudo, crença em seu futuro.

Quando essa crença começa a desmoronar, o colapso da civilização pode se tornar inevitável. O fato que as civilizações desmoronam mais cedo ou mais tarde é uma lei da história tanto quanto a gravidade é uma lei da física. O que sobra depois da queda é uma mistura estranha de destroços culturais, pessoas confusas e com raiva, traídas pelas próprias certezas, e aquelas forças que sempre estiveram aqui, mais profundas do que os muros da cidade: o desejo de sobreviver e o desejo por sentido.

\*

Essa parece ser a vez da nossa civilização de experimentar um influxo do selvagem e do oculto; a nossa vez de sermos surpreendidos pelo contato com a realidade não domada. Há uma queda chegando. Nós vivemos em uma era na qual as restrições habituais estão sendo chutadas para longe, e as fundações estão sendo arrancadas de baixo de nossos pés. Depois de um quarto de século de complacência na qual nós fomos convidados a acreditar em bolhas que nunca estourariam; em preços que nunca cairiam; no fim da história e na embalagem grosseira do triunfalismo do crepúsculo vitoriano de Conrad – húbris foi introduzida à nênese. Agora, uma história humana conhecida está se desenrolando. Ela é a história de um império sendo corroído a partir de dentro. Essa é a história de um povo que acreditou por muito tempo que as suas ações não teriam consequências. Essa é a história de como um povo irá lidar com o desmoronamento de seu próprio mito. Essa é a nossa história.

Dessa vez, o império que está desmoronando é uma economia global intocável, e o admirável mundo novo da democracia consumista que está sendo criado por todo o planeta em seu nome. Sobre a indestrutibilidade desse edifício nós depositamos as esperanças dessa última fase de nossa civilização. Agora, com o seu fracasso e falibilidade expostos, as elites estão correndo freneticamente para sustentar uma máquina econômica que eles afirmaram por décadas que precisa de poucas restrições, pois a restrição causaria a sua ruína. Quantidades inimagináveis de dinheiro estão sendo transferidas para cima para prevenir uma explosão fora do controle. Eles estão se perguntando se talvez eles não conheçam a máquina tão bem quanto eles pensavam. Eles estão se perguntando se eles têm algum controle sobre a máquina, ou mesmo se a máquina é que está controlando-os.

As pessoas estão cada vez mais inquietas. Os engenheiros se agrupam em times competindo entre si, mas nenhum lado sabe o que fazer, e nenhum parece ser muito diferente do outro. Pelo mundo, o descontentamento pode ser ouvido. Os extremistas estão afiando as suas facas e se aproximando à medida que a máquina engasga e tosse e expõe as inadequações das oligarquias políticas que afirmavam ter tudo sob controle. Velhos deuses mostram os seus rostos, assim como velhas respostas: revolução, guerra, conflito étnico. A política como nós a conhecemos cambaleia, como a máquina que ela foi criada para sustentar. Em seu lugar, poderia surgir algo mais elementar, com um coração sombrio.

À medida que os magos financeiros perdem o seu poder de levitação, à medida que os políticos e economistas se esforçam para conjurar novas explicações, nós começamos a perceber que por trás das cortinas, no coração da Cidade de Esmeralda, não está a mão invisível benigna e onipotente que nos foi prometida, e sim algo completamente diferente. Algo responsável pelo que Marx, escrevendo após Conrad, caracterizou como a “incerteza e angústia permanentes” da “época burguesa”; um período onde “tudo que é sólido se desfaz no ar, tudo que é sagrado é profanado”. Remova as cortinas, siga os movimentos incansáveis das engrenagens até a sua fonte e você verá o motor que move a nossa civilização: o mito do progresso.

O mito do progresso é para nós o que o mito da proeza guerreira dada pelos deuses era para os romanos, ou o que o mito da salvação eterna era para os conquistadores: sem ele, os nossos esforços não poderiam ser mantidos. Das raízes da cristandade ocidental, o iluminismo ofereceu em seus momentos mais otimistas uma visão de um paraíso terrestre que poderia ser alcançado através do esforço humano guiado pela razão calculista. Seguindo essas orientações, cada geração viveria uma vida melhor do que as anteriores. A história se tornaria assim uma escada, e o único caminho é o que leva para cima. No andar de cima está a perfeição humana. É importante que esse andar esteja sempre fora do alcance para sustentar a sensação de movimento.

A história recente, porém, fez com que esse mecanismo sofresse alguns golpes. O último século frequentemente ameaçou trazer um mergulho ao inferno ao invés do paraíso terrestre prometido. Mesmo dentro das sociedades prósperas e progressistas do ocidente, o progresso não conseguiu entregar o que era prometido em vários sentidos. A geração atual está demonstravelmente menos satisfeita e conseqüentemente menos otimista do que as que vieram antes. Ela trabalha mais horas com menos segurança e menos chance de ascender da sua condição social. Ela teme o crime, o colapso social, o desenvolvimento excessivo e o colapso ambiental. Individualmente, ela está menos limitada por classe e convenções do que os seus pais ou avôs, mas mais limitada pela lei, monitoramento, proscricção estatal e dívida pessoal. A sua saúde física está melhor, mas a sua saúde mental está mais frágil. Ninguém sabe o que está por vir. Ninguém quer ver.

Mais significativo do que tudo isso, há uma escuridão subjacente na raiz de tudo que nós construímos. Fora das cidades, fora das fronteiras indefinidas da nossa civilização, a mercê da máquina, mas não sob seu controle, está algo que nem Marx nem

Conrad, César ou Hume, Thatcher ou Lenin conseguiram entender. Algo que a civilização ocidental – que estabeleceu os termos para a civilização global – nunca foi capaz de entender, porque entender significaria minar fatalmente o mito dessa civilização. Algo sobre o qual a crosta da lava se equilibra; que alimenta a máquina e todos que a operam, e eles treinaram a si mesmos para não ver esse algo.

## II

### A MÃO CORTADA

*Qual é então a resposta? Não ser iludido por sonhos.  
Saber que as grandes civilizações se desfizeram em violência,  
E os seus tiranos vem, muitas vezes antes.  
Quando a violência aberta aparece, evitá-la com honra ou escolher  
A facção menos feia; esses males são essenciais.  
Manter a sua própria integridade, ser piedoso e incorruptível  
E não desejar o mal; e não ser enganado  
Por sonhos de justiça ou felicidade universais.  
Esses sonhos não serão realizados.  
Entender isso, e saber que não importa o quão feias  
As partes pareçam  
O todo continua belo. Uma mão cortada  
É uma coisa feia, e o homem separado da terra e das  
Estrelas  
E da sua história... Por contemplação ou de fato...  
Às vezes parece ser atrozmente feio. Integridade é completude,  
A maior beleza é  
Completude orgânica, a completude da vida e das coisas,  
a beleza divina do universo. Ame isso, e não o homem  
Separado disso, ou você irá compartilhar as confusões dignas de pena  
Do homem,  
Ou se afogar em desespero quando os seus dias escurecem.  
- Robinson Jeffers, "A Resposta"*

O mito do progresso é fundado sobre o mito da natureza. O primeiro nos diz que nós somos destinados à grandeza; o segundo que a grandeza não tem um custo. Cada um deles é intimamente ligado ao outro. Os dois nos dizem que há uma separação entre nós e o mundo; que nós começamos grunhindo nos pântanos primais como uma parte humilde de algo chamado "natureza", que nós já domamos triunfantemente. O próprio fato de que nós temos uma palavra para "natureza" é uma evidência de que nós não nos vemos como parte dela. De fato, a nossa separação é um mito integral ao triunfo da nossa civilização. Nós dizemos a nós mesmos que nós somos a única espécie que já atacou a natureza e venceu. E aí está contida a nossa glória única.

Fora das cidadelas de autocongratulação, vozes solitárias se manifestaram contra essa versão infantil da história humana por séculos, mas é só nas últimas décadas que essa imprecisão se tornou risivelmente aparente. Nós somos as primeiras gerações a crescer cercadas de evidências que as nossas tentativas de nos separar da "natureza" foram um fracasso sinistro, assim como uma prova não de nosso gênio e sim da nossa húbri. Essa tentativa de separar a mão do corpo colocou em perigo o "progresso" que nos é

tão caro, assim como ameaçou também grande parte da “natureza”. A agitação resultante põe em evidencia a crise que nós enfrentamos agora.

Nós nos imaginamos isolados da fonte da nossa existência. As consequências desse erro imaginativo estão presentes a nossa volta: um quarto dos mamíferos do mundo está ameaçado de extinção iminente; um acre e meio de floresta tropical é derrubado a cada segundo; 75% dos estoques de peixe do mundo estão à beira do colapso; a humanidade consome 25% a mais de “produtos” naturais do que a terra consegue substituir – um número que se espera que cresça para 80% até o meio do século. Mesmo através das lentes amortecedoras da estatística nós podemos observar a violência a qual os nossos mitos nos levaram.

E sobre tudo isso paira o aquecimento global fora de controle. O aquecimento global que ameaça tornar todos os projetos humanos irrelevantes; que nos apresenta evidência detalhada da nossa falta de conhecimento do mundo que nós habitamos ao mesmo tempo em que demonstra que nós ainda somos totalmente dependentes dele. O aquecimento global, que põe em evidência em doloridas cores a colisão frontal entre a civilização e a “natureza”; que torna nítida a forma que a necessidade da máquina de crescimento constante vai requerer a nossa própria destruição em seu nome mais efetivamente do que qualquer argumento cuidadosamente construído ou protesto otimistamente desafiante. O aquecimento global que nos coloca frente a frente com a nossa impotência no final das contas.

Esses são os fatos, ou alguns deles. Mesmo assim, fatos nunca contam a história completa. (“Fatos”, escreveu Conrad em Lord Jim, “como se fatos provassem alguma coisa”). Os fatos da crise ambiental dos quais nós ouvimos falar tanto às vezes escondem mais do que revelam. Nós ouvimos falar diariamente sobre os impactos de nossas atividades no “meio ambiente” (como “natureza”, esse é um termo que nos distancia da realidade da nossa situação). Diariamente, nós ouvimos também falarem das várias “soluções” para esses problemas: soluções que geralmente envolvem a necessidade de acordos políticos urgentes e uma aplicação judiciosa do gênio tecnológico humano. As coisas podem estar mudando, diz a narrativa, mas não há nada aqui com o que não podemos lidar, gente. Talvez nós precisemos nos movimentar mais rápido, mais urgentemente. Certamente, nós precisamos acelerar o ritmo da pesquisa e desenvolvimento. Nós precisamos aceitar que nós precisamos ser mais “sustentáveis”. Mas tudo ficará bem. Ainda haverá crescimento; ainda haverá progresso: tudo isso

continuará por que isso tem que continuar, então não há nada que isso possa fazer além de continuar. Não há nada para se ver aqui. Tudo ficará bem.

\*

Nós não acreditamos que tudo ficará bem. Nós nem temos certeza, com base nas definições atuais de progresso e melhora, que queremos que fique. Entre todas as ilusões da humanidade sobre a sua diferença, sobre a sua separação e superioridade em relação ao mundo vivo que a cerca, uma distinção se sustenta melhor do que a maioria: é possível que nós sejamos de fato a primeira espécie capaz de efetivamente acabar com toda a vida na terra. Essa é uma hipótese que nós parecemos estar determinados a testar. Nós já somos responsáveis por fazer desaparecer do mundo grande parte de sua riqueza, magnificência, beleza, cor e magia, e nós não estamos mostrando nenhum sinal de que vamos parar. Por muito tempo, nós imaginamos que a “natureza” é algo que acontece em outro lugar. O dano que nós fizemos a ela pode ser lamentável, mas ele tem que ser medido em relação aos benefícios que estamos colhendo agora. E no pior cenário possível, sempre haverá algum plano B. Talvez nós possamos ir para a lua, onde nós podemos sobreviver em colônias lunares sob bolhas gigantes enquanto nós planejamos a nossa expansão pela galáxia.

Mas não há plano B, e no final das contas, a bolha é onde temos vivido durante todo esse tempo. A bolha é a ilusão de isolamento sob a qual nós nos esforçamos por tanto tempo. A bolha nos isolou da vida no único planeta que nós temos e provavelmente teremos. A bolha é a civilização.

Considere as estruturas sobre a qual essa bolha foi construída. Suas fundações são geológicas: petróleo, carvão. Milhões e milhões de anos de luz solar ancestral arrastados das profundezas do planeta e queimados inconsequentemente. Sobre essa base a estrutura se sustenta. Vá subindo e você passará por uma mistura de horrores que se apoiam uns nos outros: Jaulas para galinhas poedeiras; abatedores industriais; florestas em chamas; oceanos sendo devastados por redes de arrasto; recifes dinamitados; montanhas escavadas; solos degradados. Finalmente, no topo de todas essas camadas, fora de nossas vistas, você chega até a superfície bem cuidada onde nós estamos: sem ter consciência ou interesse no que acontece embaixo de nós; exigindo que as autoridades nos mantenham nas condições as quais estamos acostumados; ocasionalmente sentindo pontadas de culpa que nos levam a comprar frangos orgânicos ou alfaces produzidos localmente;

alimentados, mas nunca saciados pelos frutos dos horrores dos quais os nossos estilos de vida dependem.

Nós somos as primeiras gerações a nascerem nessa era nova e sem precedentes – a era do ecocídio. Nomeá-la dessa forma não significa presumir os resultados, e sim simplesmente descrever um processo que está ocorrendo. O solo, o mar, o ar, o pano de fundo elementar da nossa existência – todas essas coisas que a nossa economia encara como dadas para serem usadas como um poço sem fundo, capaz de dispersar e diluir os resultados da nossa extração, produção e consumo. A própria escala do céu ou o peso dos rios avolumados torna difícil de imaginar que criaturas tão frágeis como eu e você sejam capazes de fazer tanto estrago. Phillip Larkin articulou essa atitude e o seu preocupante e insidioso resultado em seu poema ‘Indo, Indo’:

*As coisas são mais resistentes do que nós, assim como  
A terra sempre irá responder  
Por mais que nós mexamos com ela;  
Jogue porcarias no mar se você precisar  
As marés as limparão sem dúvida  
-Mas o que eu sinto agora? Dúvida?*

Quase quarenta anos depois das palavras de Larkin, a dúvida parece ser tudo que nós conseguimos sentir o tempo todo. Porcaria demais foi jogada no mar, no solo e na atmosfera para que qualquer outro sentimento seja sensato. A dúvida e os fatos abriram caminho para um movimento mundial de política ambientalista que, ao menos em sua forma crua e original, procurou bater de frente com mito do progresso e do desenvolvimento. Mas o tempo não foi gentil com os verdes. Os ambientalistas de hoje em dia podem ser encontrados com mais frequência em conferências corporativas louvando as virtudes da “sustentabilidade” e do “consumo ético” do que fazendo algo tão ingênuo quanto questionar os valores intrínsecos à civilização. O capitalismo absorveu os verdes. Como ele absorveu tantos desafios à sua ascensão. Um desafio radical à máquina humana foi transformado em outra oportunidade para fazer compras.

“Negação” é uma palavra em voga, cheia de conotações. Quando ela é usada para taxar o que sobrou daqueles que são céticos em relação à mudança climática, eles reclamam ruidosamente da associação com aqueles que querem reescrever a história do Holocausto. Apesar disso, o foco nesse grupo cada vez menor pode servir como uma distração que oculta uma forma muito maior de negação no sentido psicanalítico. Freud escreveu sobre a dificuldade que as pessoas têm em ouvir coisas que não se

encaixam na maneira que elas enxergam o mundo e elas mesmas. Nós nos submetemos a todo tipo de contorções internas para evitar encarar diretamente as coisas que desafiam a nossa compreensão fundamental do mundo.

Hoje em dia, a humanidade está afundada até o pescoço na negação do que ela construiu e do que ela se tornou – e do que está por vir. O colapso ecológico e o econômico se desenrolam a nossa frente, e, se nós chegamos a reconhecê-los, nós agimos como se isso fosse um problema temporário, um defeito técnico. Séculos de húbriis tapam os nossos ouvidos como tapadores de cera; nós não conseguimos ouvir a mensagem que a realidade está gritando na nossa cara. Apesar de todas as nossas dúvidas e descontentamentos, nós ainda estamos ligados a uma ideia da história na qual o futuro é uma versão aperfeiçoada do presente. A presunção ainda é a de que as coisas devem continuar caminhando na direção na qual elas já estão: a percepção da crise apenas reforça o significado desse “deve”. Não mais uma inevitabilidade natural, ela se torna uma necessidade urgente: nós temos que encontrar uma maneira de continuar a ter supermercados e rodovias. Nós não podemos contemplar a alternativa.

E assim nós nos encontramos, todos juntos, de prontidão e tremendo na fronteira de uma mudança tão massiva que nós não temos meios para medi-la. Nenhum de nós sabe para onde olhar. No fundo, todos pensamos que estamos condenados: até os políticos pensam isso; até os ambientalistas. Alguns de nós lidamos com isso indo às compras. Outros esperando que isso seja verdade. Outros se rendem ao desespero. Alguns trabalham freneticamente para tentar afastar a tempestade que está chegando.

Outra pergunta é: o que aconteceria se nós olhássemos para baixo? Seria tão ruim quanto nós imaginamos? O que nós podemos ver? Isso poderia ser bom para nós?

Nós acreditamos que é hora de olhar para baixo.

### III DE-CIVILIZAÇÃO

*Sem mistério, sem curiosidade, e sem a forma imposta pela resposta parcial, não há como ter histórias – apenas confissões, comunicados, memórias e fragmentos de fantasias autobiográficas que no momento se fazem passar por romances.*

*-John Berger, Uma história para Esopo; Keeping a Rendezvous*

Se nós estamos de fato oscilando na beira de uma mudança massiva na nossa forma de viver, na forma em que a própria sociedade humana é construída e nas formas em que nos relacionamos com o resto do mundo, nós fomos levados a esse ponto pelas histórias que nós contamos a nós mesmos – principalmente a história da civilização.

Essa história tem várias variações, sejam elas religiosas, seculares, científicas, econômicas e místicas. Mas todas elas falam da transcendência original da humanidade de seu princípio animal, do nosso domínio crescente sobre a “natureza” a qual nós não pertencemos e do glorioso futuro de abundância e prosperidade que irá chegar quando esse domínio for completo. Essa é a história da centralidade humana, de uma espécie destinada ao senhorio de tudo que ela vê, sem ser confinada pelos limites que se aplicam a outras criaturas, criaturas inferiores.

O que torna essa história perigosa é que, em grande parte, nós esquecemos que ela é uma história. Ela foi contada tantas vezes por aqueles que se vem como racionalistas, mesmo cientistas; herdeiros do legado do iluminismo – um legado que incluiu a negação do papel das histórias que formam o mundo.

Humanos sempre viveram através de histórias, e aqueles com habilidade em contá-las têm sido tratados com respeito e às vezes com certa suspeita. Além dos limites da razão, a realidade continua sendo misteriosa, tão incapaz de ser abordada diretamente quanto o esconderijo de um caçador. Com histórias, com a arte, com símbolos e camadas de significado, nós espreitamos esses aspectos elusivos da realidade sobre os quais a nossa filosofia sequer sonha. O contador de histórias tece o mistério no tecido da vida, imbuindo esse mistério com o cômico, o trágico e o obscuro, criando caminhos seguros que atravessam o território perigoso.

Mesmo assim, à medida que o mito da civilização aumentou a sua influência sobre o nosso pensamento por trás de uma fachada científica e racional, nós começamos a negar o papel das histórias e a descontar o seu poder como algo primitivo, infantil e ultrapassado. Os velhos contos através dos quais gerações buscaram compreender

as sutilezas e estranhezas da vida foram expurgados e mandados para o berçário. A religião, aquela fonte de mitos e mistérios, o nascimento do teatro, foi moldada e inserida em um modelo de leis universais e contabilidade moral. As visões que surgiam em sonhos na Idade Média se transformaram nas histórias sem sentido da infância Vitoriana. Na época do romance escrito, as histórias já não eram mais a forma de se aproximar das verdades profundas do mundo, e sim uma forma de passar tempo durante a jornada de trem. É difícil de imaginar que a palavra de um poeta já foi temida por um rei.

No fim das contas, o nosso mundo ainda é moldado por histórias. Através da televisão, filmes, livros e videogames, é possível que nós estejamos sendo bombardeados com material narrativo mais do que qualquer povo que já viveu. O que é peculiar, porém, é a leviandade com que essas histórias são jogadas para nós – como entretenimento, como uma distração da vida diária, algo a chamar a nossa atenção até o próximo comercial. Não há muita percepção de que essas coisas compõem o equipamento com o qual nós navegamos a realidade. Por outro lado, há histórias sérias contadas por economistas, políticas, geneticistas e líderes corporativos. Elas não são apresentadas como histórias, mas como descrições diretas de como o mundo é. Escolha entre versões que estão competindo e lute contra aqueles que escolheram de forma diferente. Os conflitos resultantes se desenrolam no rádio que toca de manhã, em debates que ocorrem à tarde e nas guerras entre comentaristas na tevê à noite. Mas apesar de todo esse barulho, é impressionante o quanto os lados que se opõem concordam; todas as suas histórias são variações da história maior da centralidade humana, de nosso controle sobre a “natureza” sempre em expansão, o nosso direito de perpetuar o crescimento econômico e a nossa habilidade de transcender todos os limites.

Assim, nós e as nossas formas de contar histórias nos encontramos presos dentro de uma narrativa fora do controle, caminhando em direção ao pior encontro com a realidade possível. Nesse momento, escritores, artistas, poetas, e contadores de histórias de todos os tipos tem um papel crítico a desempenhar. A criatividade continua sendo a mais incontrolável dentre as forças humanas: sem ela, o projeto da civilização é inconcebível. Mesmo assim, nenhuma parte da vida permanece sendo tão indomável e não domesticada. Palavras e imagens podem mudar mentes, corações e até mesmo o curso da história. Aqueles que as criam mudam as histórias que as pessoas carregam por todas as suas vidas, desenterram histórias velhas e as trazem de volta à vida, acrescentando novos retoques e apontando para finais inesperados.

É hora de retomar o que largamos e renovar as histórias, já que novas histórias sempre devem ser renovadas, começando a partir de onde estamos.

A arte convencional no ocidente tem se baseado em chocar; em quebrar tabus, em ser percebida. Isso tem ocorrido por tanto tempo que é comum afirmar que não há mais tabus para serem quebrados nesses tempos irônicos, exaustos e pós-tudo. Mas ainda há um.

O último tabu é o mito da civilização. Ela é construída sobre as histórias que nós criamos sobre a nossa genialidade, a nossa indestrutibilidade e o nosso destino manifesto como espécie escolhida. É aí que a nossa visão e a nossa crença em nós mesmos se misturam com a nossa recusa inconsequente de encarar a realidade da nossa posição na Terra. Essa recusa permitiu que a raça humana conquistasse o que ela conquistou; ela também levou o planeta a uma era de ecocídio. As duas coisas estão intimamente ligadas. Nós acreditamos que as duas devem ser separadas se nós queremos que algo sobre.

Nós acreditamos que os artistas – que nós acreditamos ser uma das palavras mais bem-vindas, incluindo escritores de todos os tipos, pintores, músicos, escultores, poetas, designers, criadores, artesões, sonhadores de sonhos – têm a responsabilidade de começar esse processo de separação. Nós acreditamos que em uma era de ecocídio, o último tabu tem que ser quebrado – e que apenas artistas podem fazê-lo.

O ecocídio exige uma resposta. Essa resposta é importante demais para ser deixada na mão de políticos, economistas, pensadores conceituais, analistas de dados; generalizada demais para ser deixada nas mãos de ativistas e defensores. Artistas são necessários. Até agora, a resposta dos artistas tem sido limitada. Entre a poesia natural tradicional e “agitprop” (agitação e propaganda), o que há aqui? Onde estão os poemas que ajustaram seu escopo à escala do desafio? Onde estão os livros que exploram além da casa de campo e do centro da cidade? Que forma de escrita surgiu para desafiar a própria civilização? Que galeria monta uma exibição que se iguala a esse desafio? Que músico que descobriu a nota secreta?

Se as respostas para essas perguntas têm sido escassas até agora, talvez seja tanto pela profundidade da negação coletiva quanto pelo tamanho do desafio assustador. Nós mesmos estamos assustados. Mas nós acreditamos que nós temos que subir à altura do desafio. Nós acreditamos que a arte tem que olhar para além da fronteira, encarar o mundo que está chegando com um olhar firme e

encarar o desafio do ecocídio com o nosso próprio desafio; uma resposta artística ao desmoronamento dos impérios da mente.

\*

Nós chamamos essa resposta de arte de-civilizada, e nós estamos interessados em nossa própria vertente dela em particular; a Escrita De-civilizada. A escrita de-civilizada é uma escrita que busca se situar fora da bolha humana e enxergar a nós como o que somos; macacos altamente evoluídos com uma gama de talentos e habilidades que nós estamos descarregando sem reflexão, controle, compaixão ou inteligência suficiente. Macacos que construíram um mito de sua própria importância para sustentar seu projeto civilizatório. Macacos cujo projeto tem sido domesticar, controlar, subjugar ou destruir – civilizar as florestas; os desertos; as terras selvagens e os mares, impor correntes de seu próprio feitio nas mentes para que elas não sintam nada ao explorar as outras criaturas contemporâneas.

Contra o projeto civilizatório, que se tornou o progenitor do ecocídio, a escrita de-civilizada não oferece uma perspectiva não humana – nós continuamos sendo humanos, e mesmo agora, não estamos envergonhados disso – mas uma perspectiva que nos vê como filamentos de uma teia ao invés de como o primeiro palanque de uma procissão gloriosa. Essa perspectiva oferece uma forma de olhar honestamente para as forças entre as quais nós não encontramos.

Ela procura formar uma imagem do homo sapiens que um ser de outro mundo, ou ainda melhor, do nosso – uma baleia azul, um albatroz, um coelho das montanhas – talvez reconhecesse como algo que se aproxima de uma verdade. Ela visa tirar a nossa atenção de nós mesmos e direcioná-la para fora; para descentrar as nossas mentes. Resumidamente, é uma escrita que coloca a civilização – e nós mesmos – em perspectiva. Uma escrita que ao contrário da maior parte do que ainda é escrito, não vem dos centros metropolitanos e autocongratatórios da civilização, mas de outro lugar em suas margens mais frias e selvagens. De algum lugar cheio de árvores e de ervas que é geralmente evitado, onde pairam verdades insistentes e desconfortáveis sobre nós mesmos; verdades que nós não estamos muito ansiosos para ouvir. Uma escrita que nos encara implacavelmente, por mais desconfortável que isso possa ser.

Talvez faça tanto sentido também explicar o que a escrita de-civilizada não é. Não é uma escrita ambiental, pois já há muito disso, e a maior parte desses escritos não consegue saltar por cima da barreira que marca o limite do nosso ego humano coletivo; grande

parte desses escritos, inclusive, termina alimentando esse ego e nos ajudam a persistir em nossas ilusões civilizadas. Não é uma escrita sobre a natureza, pois não há tal coisa qual uma natureza distinta das pessoas, e sugerir o contrário significa perpetuar a atitude que nos trouxe até onde estamos. Não é também uma escrita política, com a qual o mundo já está inundado, pois a política é uma confecção humana cúmplice do ecocídio e que está apodrecendo por dentro.

A escrita de-civilizada é mais enraizada do que qualquer uma dessas. Acima de tudo, ela está determinada a mudar a nossa visão de mundo, e não a alimentá-la. É uma escrita para aqueles que estão de fora. Se você quer ser amado, talvez seja melhor não se envolver, pois o mundo, pelo menos por um tempo, estará determinado a não ouvir. Um exemplo salutar desse último ponto pode ser encontrado no destino de um dos poetas mais significativos, porém mais negligenciados, do século XX. Robinson Jeffers estava escrevendo versos de-civilizados setenta anos antes desse manifesto ser concebido, apesar de ele não ter usado esse termo. No começo de sua carreira poética, Jeffers era uma estrela: ele apareceu na capa da revista Time, leu seus poemas na Biblioteca do Congresso Americano e foi respeitado pela alternativa que ele oferecia ao colosso modernista. Hoje em dia, a sua obra está fora das antologias, seu nome mal é conhecido e a sua política é encarada com desconfiança. Leia a parte da obra de Jeffers escrita no final de sua vida e você entenderá o porquê. O seu crime foi desinflar intencionalmente a importância exagerada que a humanidade dá a si mesma. A sua punição foi ser enviado para um exílio literário solitário do qual, quarenta anos após a sua morte, ele ainda não retornou.

Mas Jeffers sabia no que ele estava se metendo. Ele sabia que em uma época de “escolhas do consumidor” ninguém iria querer ouvir de um profeta da Califórnia de feições pétreas que “é bom para o homem... saber que as suas necessidades e a natureza mudaram tão pouco nos últimos 10.000 anos quanto os bicos das águias”. Ele sabia que nenhum progressista em seu conforto iria querer ouvir o seu aviso zangado, proferido no auge da Segunda Guerra Mundial: “Fique longe das fraudes que falam de democracia/ E dos cachorros que falam de revolução/ Embriagados de conversa, crenças e mentirosos.../ Vida longa à liberdade, e para o inferno com as ideologias”. A sua visão de um mundo no qual a humanidade está condenada a destruir o que a cerca e eventualmente a si mesma (“eu queimaria a minha mão direita em um fogo lento/para mudar o futuro... Eu o faria tolamente”) foi furiosamente rejeitada pela era

ascendente da democracia de consumo que ele também previu ('Seja feliz, ajuste a sua economia à nova abundância').

À medida que a sua poesia se desenvolveu, Jeffers desenvolveu também uma filosofia. Ele a chamava de "desumanismo". Ela era, escreveu ele:

*Um redirecionamento da ênfase e significado do homem para o não homem; a rejeição do solipsismo humano e o reconhecimento da magnificência trans-humana... Essa forma de pensar e sentir não é nem misantrópica nem pessimista... Ela oferece um desprendimento como regra de conduta ao invés de amor, ódio ou inveja... Ela fornece magnificência ao instinto religioso e satisfaz a nossa necessidade de admirar a grandeza e nos regozijarmos com a sua beleza.*

Esse redirecionamento de ênfase do homem ao não homem: esse é o objetivo da escrita de-civilizada. Para "desumanizar as nossas visões um pouco, e nos tornarmos confiantes/ Como a pedra e o oceano do qual somos feitos". Isso não é uma rejeição da humanidade – é uma afirmação da maravilha do que significa ser verdadeiramente humano. É aceitar o mundo pelo que ele é e aqui fazemos a nossa casa ao invés de sonharmos em nos mudarmos para as estrelas ou existir em uma bolha feita pelo homem fingindo para nós mesmos que não há nada fora dela com que nós temos uma conexão.

Esse é então o desafio literário da nossa era. Por enquanto, poucos estão encarando-o. Os sinais de nossos tempos brilham em neon urgente, mas os nossos leões literários têm coisas melhores para ler. A sua arte continua presa à bolha civilizada. A ideia da civilização está entrelaçada desde as suas raízes semânticas com morar nas cidades, e isso provoca um pensamento: se nossos escritores parecem ser incapazes de encontrar novas histórias que possam nos guiar através dos tempos que estão por vir, esse não seria um produto de sua mentalidade metropolitana? Os grandes nomes da literatura contemporânea estão igualmente à vontade nas regiões badaladas de Londres ou Nova York, e a sua escrita reflete os preconceitos da elite transnacional e sem raízes que não pertencem a lugar nenhum.

E o inverso também se aplica. Essas vozes que contam outras histórias tendem a se enraizar em uma conexão com um local. Pense nos livros e ensaios de John Berger da Alta Savoia, ou as profundezas exploradas por Alan Garner a um dia de caminhada da sua cidade natal em Cheshire. Pense em Wendell Berry ou WS Merwin, Mary Oliver ou Cormac McCarthy. Aqueles cujos escritos se aproximam das margens do de-civilizado são aqueles que conhecem

o seu lugar, no sentido físico, e que permanecem desconfiados dos cantos de sereia da moda convencional e da excitação civilizada.

Se nós citamos escritores particulares cujo trabalho incorpora o que nós estamos argumentando a favor, o objetivo não é colocá-los de forma mais proeminente no mapa existente de reputações literárias. Ao invés disso, como Geoff Dyer falou de Berger, levar a obra deles a sério é redesenhar os mapas por inteiro – não apenas os mapas de reputações literárias, mas os mapas com os quais nós nos orientamos em todas as áreas da vida.

Mesmo aqui, nós avançamos cuidadosamente, pois a própria cartografia não é uma atividade neutra. Desenhar mapas é algo cheio de ecos coloniais. O olho civilizado procura ver o mundo de cima, como algo sobre o qual nós podemos pairar e analisar. O escritor de-civilizado sabe que o mundo é, ao invés disso, algo no qual estamos emaranhados – uma mistura e um modelo de locais, experiências, visões, cheiros, sons. Mapas podem nos guiar, mas eles também podem nos confundir. Nossos mapas têm que ser do tipo que é improvisado na terra com um pedaço de pau, lavado pela próxima chuva. Eles devem ser lidos apenas pelos que pedem para vê-los, e eles não podem ser comprados.

Isso então é a escrita de-civilizada. Desumana, estoica e inteiramente natural. Humilde, questionadora, desconfiada da grande ideia e da resposta fácil. Caminhando entre as fronteiras e reabrindo velhas conversas. Distantes, mas engajados, seus participantes estão sempre dispostos a sujar as suas mãos; cientes, de fato, que a sujeira é essencial; que teclados devem ser manuseados por aqueles com terra debaixo das unhas e com o selvagem em suas mentes.

Nós tentamos governar o mundo; nós tentamos agir como os escudeiros de Deus, e nós tentamos então desencadear a revolução humana. A era da razão e do isolamento. Nós fracassamos em todos esses objetivos, e o nosso fracasso destruiu mais do que nós sequer percebemos. O tempo para a civilização já se passou. A de-civilização, que conhece os seus fracassos porque ela participou deles; que enxerga sem pestanejar e morde com tanta força quanto grava – esse é o projeto no qual nós devemos embarcar agora. Esse é o desafio para a escrita – para a arte – encarar. É para isso que estamos aqui.

## IV

### PARA OS SOPÉS DAS MONTANHAS!

*Um impulso de uma madeira vernal  
Pode te ensinar mais do que o homem,  
Sobre o mal moral e o bem,  
Do que podem todos os sábios.  
-William Wordsworth, "Os Ventos Mudaram"*

Um movimento precisa de um princípio. Uma expedição precisa de um acampamento-base. Um projeto precisa de uma sede. De-civilização é o nosso projeto, e a promoção da escrita e da arte de-civilizada precisa de uma base. Nós apresentamos esse manifesto não apenas porque nós temos algo a dizer - quem não tem? - mas porque nós temos algo a fazer. Nós esperamos que esse panfleto tenha acendido uma faísca. Se esse é o caso, nós temos a responsabilidade de alimentar as chamas. Isso é o que nós temos a intenção de fazer. Mas nós não podemos fazer isso sozinhos.

Esse é o momento de fazermos perguntas profundas e de fazermos elas urgentemente. Por toda a nossa volta, estão em curso mudanças que sugerem que o nosso modo de vida já está desaparecendo e se tornando história. É hora de encontrar novos caminhos e novas histórias que possam nos levar através do fim do mundo como nós o conhecemos e para o outro lado. Nós suspeitamos que ao questionar as fundações da civilização, o mito da centralidade humana e o nosso isolamento imaginado, nós podemos encontrar o começo de tais caminhos.

Se nós estamos certos, será necessário ir além do Desvanecido. Fora das muralhas que nós construímos - os muros da cidade, a primeira marcação de pedra ou madeira que separou pela primeira vez o "homem" da "natureza". Além dos portões, em direção ao selvagem, é para onde nós estamos indo. E a partir de lá nós iremos subir, pois, como escreveu Jefferson, "quando jazem as cidades aos pés do monstro/Sobram as montanhas" Nós faremos a peregrinação até a Montanha Escura do poeta, às grandes e inabaláveis alturas que estavam aqui antes de nós e que estarão depois, e de seus declives nós observaremos os pontos de luz distantes das cidades e obter alguma perspectiva sobre quem nós somos e quem nós nos tornamos.

Essa é a Montanha Escura. Ela começa aqui.

Onde ela terminará? Ninguém sabe. Aonde ela nos levará? Nós não temos certeza. Sua primeira encarnação, lançada junto com esse manifesto, é um site que aponta o caminho para as cordilheiras. Ele conterà escritos, rascunhos, anotações, ideias; ele

trabalhará o projeto de De-civilização, e está convidando todos aqueles que estão chegando a se juntar ao debate.

Assim esse debate se tornará um objeto físico, pois a realidade virtual é, no final das contas, uma não realidade. Ele se tornará uma publicação de papel, cartão, tinta e impressão; de ideias, pensamentos, observações, resmungos; novas histórias que nos ajudarão a definir o projeto, a escola, o movimento – da escrita de-civilizada. Ele coletará as palavras e imagens daqueles que se consideram de-civilizados e tem algo a falar a respeito disso; que querem nos ajudar a atacar as cidadelas. Será algo que é uma beleza para os nossos olhos, corações e mentes, pois nós somos ultrapassados o suficiente para acreditar que a beleza – como a verdade – não apenas existe, mas também importa.

Além disso... Tudo está no momento oculto de nossas vistas, a uma longa distância passando pelas planícies, e as coisas são tornadas obscuras pela distância. Há ainda grandes espaços em branco nesse mapa. Os civilizados gostariam de preenchê-los; já nós não temos tanta certeza que gostaríamos de fazê-lo. Mas nós não podemos resistir a explorá-los, navegando pelos rumores e pelas estrelas. Nós não sabemos exatamente o que vamos encontrar. Nós estamos meio nervosos, mas nós não iremos voltar atrás, pois nós acreditamos que pode haver algo imenso lá fora esperando por nós.

A de-civilização, assim como a civilização, não é algo que pode ser criada sozinho. Escalar a Montanha Escura não pode ser um exercício solitário. Nós precisamos de difusores, sherpas, guias e outros aventureiros. Nós precisamos nos amarrar uns aos outros para nos mantermos seguros. No momento, nossa forma é dispersa e nebulosa. Ela irá se firmar à medida que nós escalamos. Como os melhores escritos, nós precisamos ser moldados pelo chão sob nossos pés, e o que nós nos tornaremos será moldado ao menos em parte pelo que encontraremos em nossa jornada.

Se você gostaria de escalar ao menos parte do caminho conosco, nós gostaríamos de ouvi-lo. Nós estamos certos de que há outros por aí que teriam prazer em se juntar a nós nessa expedição.

Venha. Se junte a nós. Nós partimos ao nascer do sol.

## **Os oito princípios da de-civilização**

1. Nós vivemos em uma era de colapso social, econômico e ambiental. Tudo a nossa volta nos indica que a nosso modo de vida já está desaparecendo e entrando para a história. Nós vamos encarar essa realidade honestamente e aprender a conviver com ela.

2. Nós rejeitamos a fé que prega que as crises convergentes da nossa era podem ser reduzidas a uma série de “problemas” que necessitam de “soluções” técnicas ou políticas.

3. Nós acreditamos que as raízes das crises estão nas histórias que nós temos contado para nós mesmos. Nós pretendemos desafiar as histórias que sustentam a nossa civilização: o mito do progresso, o mito da centralidade humana e o mito da nossa separação da “natureza”. Esses mitos são mais perigosos pelo fato de nós termos esquecido que eles são mitos.

4. Nós iremos reafirmar o papel das histórias como algo mais do que mero entretenimento. É através das histórias que nós tecemos a realidade.

5. Seres humanos não são o objetivo e propósito desse planeta. Nossa arte irá começar com a tentativa de pisar para fora da bolha humana. Através da atenção cuidadosa, nós vamos nos reaproximar do mundo não humano.

6. Nós vamos celebrar a escrita e a arte que estão enraizadas em uma noção de espaço e tempo. A nossa literatura tem sido dominada por tempo demais por aqueles que habitam as cidadelas cosmopolitas.

7. Nós não iremos nos perder na elaboração de teorias e ideologias. Nossas palavras são elementares. Nós escrevemos com terra debaixo de nossas unhas.

8. O fim do mundo como nós conhecemos não é o fim do mundo como um todo. Juntos, nós encontraremos a esperança além da esperança, os caminhos que nos levarão a um mundo desconhecido além de nós.



## **De-civilização: O manifesto Dark Mountain**

“Em 2009, dois escritores ingleses publicaram um manifesto. A partir desse manifesto cresceu um movimento cultural: uma rede enraizada e ramificada de atividade criativa, centrada no jornal Dark Mountain, sustentada pelo trabalho de um crescente grupo de colaboradores, além do apoio de milhares de leitores em todo o mundo.

Juntos, estamos nos afastando das histórias que nossas sociedades gostam de contar a si mesmas, as histórias que nos impedem de ver claramente a extensão do desmoronamento ecológico, social e cultural que está acontecendo agora. Estamos fazendo arte que não considera a centralidade dos humanos como certa. Estamos traçando as profundas raízes culturais da bagunça em que o mundo está. E estamos procurando outras histórias, que possam nos ajudar a entender uma época de ruptura e incerteza.”

Trecho de “Sobre o Projeto Dark Mountain”

<https://dark-mountain.net/about/>

**CONTRACIV, 2019**  
**CONTRACIV@RISEUP.NET**  
**CONTRACIV.NOBLOGS.ORG**



Esta obra é livre. Pode e deve ser reproduzida no todo ou em parte, além de ser liberada a sua distribuição.